

NESTE NÚMERO:

A história de **ALFREDO**

-dois pés que
valem três ...



29-DEZEMBRO-1957

Preço -- 1\$50

MÁRIO DE AGUIAR apresenta
CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 38 — 29-12-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

TODOS OS DOMINGOS

ORIGINAL
DOCUMENTO
FOTOGRAFICO

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

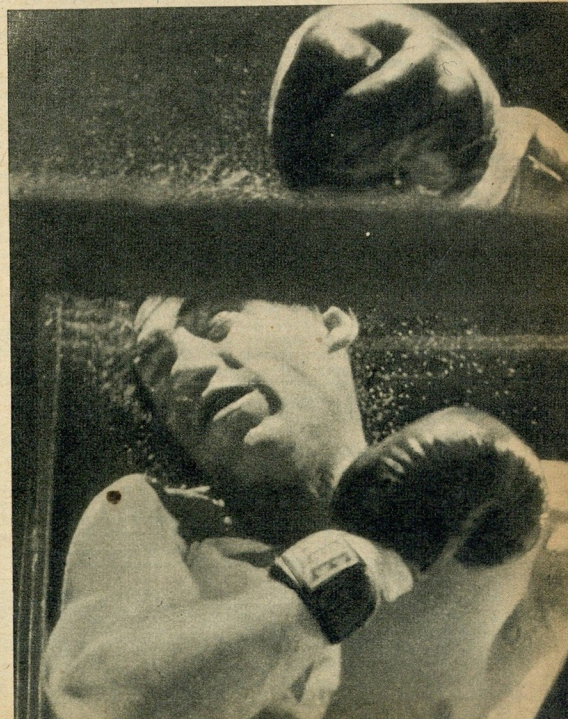
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

É uma imagem de
boxe verdadeiramen-
te original, um do-
cumento fotográfico
único.

A cabeça do pugilista está meio
coberta por uma das
cordas do ringue. Os
seus olhos fixam o
vago.

Em seu redor, há
como que uma au-
réola feita de água
que borbulha dos
seus cabelos e do
seu rosto. Em cima,
à direita, a mão,
enluvada, parece
nua...

A cena passa-se
em Nova Iorque. O
pugilista chama-se
Castellani. E neste
combate... este per-
deu com Roy Cal-
lhoun.



CLUBES DA II DIVISÃO

— vítimas do sistema de Associações Regionais

Temos debatido o problema da orgânica desportiva nacional, tentando demonstrar que o sistema de existir um organismo intermédio entre os clubes e a Federação (isso do futebol) é prejudicial ao funcionamento daqueles, que o mesmo é dizer ser prejudicial ao desporto, uma vez que os clubes são a base daquela salutar actividade.

É praticamente impossível uma Associação representar a vontade de todos os seus filiados no congresso da F. P. F. — se estes estiverem em desacordo. Além de que em certos casos, e sem que isso constitua uma infracção das leis ou da lógica, as Associações podem deliberar como muito bem entenderem, sem dar satisfações aos clubes (salvo se estas lhes pedirem, mas em assembleia geral... depois dos actos consumados). E dizemos que a lógica não é contrariada, pois ou se trata de organismos na escala hierárquica superiores aos clubes ou não...

Um aspecto da calamidade que tem sido para os clubes a existência das Associações é o da II Divisão. Toda a gente que lida com o futebol, mesmo como mero espectador, sabe que é ruinoso — inconcebivelmente ruinoso — o campeonato nacional da II Divisão. É mesmo uma vergonha da nossa organização futebolística, pois é a sangue frio que se força mais de uma dezena de clubes a disputar um campeonato que lhes faz gastar o que não têm, sacrificam-se a bolsa particular dos «carolas» e — o que é mais grave — a dos próprios jogadores, pois pela força das circunstâncias, falta-se a compromissos para com os jogadores, que são, afinal as maiores vítimas deste estado de coisas.

A culpa das Associações — não de todas, mas das «maiores» — é flagrante. As mais «pequenas» bem fazem a diligência para abrir novos horizontes a esta prova, mas contra elas estão as Associações mais poderosas, nas quais impera a vontade dos clubes... da I Divisão.

Quer dizer, a voz de uns tantos clubes

mais directamente inteessados no problema, não chega sequer ao congresso da F. P. F., pois é abafada na «eliminatória» distrital... E ainda quando os dirigentes associativos, não agem como lhes dá na «real gana», ainda se está com muita sorte...

Se a vontade de todos os clubes da II Divisão pudesse prevalecer no Congresso da F. P. F. há muito que, de uma maneira ou de outra, se teria modificado o problema do campeonato da II Divisão.

Por isto e por outras coisas continuaremos a pugnar para que sejam os clubes a apresentar e a zelar os próprios interesses na assembleia magna do futebol nacional, e nunca por intermédio de indivíduos que podem nem respeitá-los sequer.

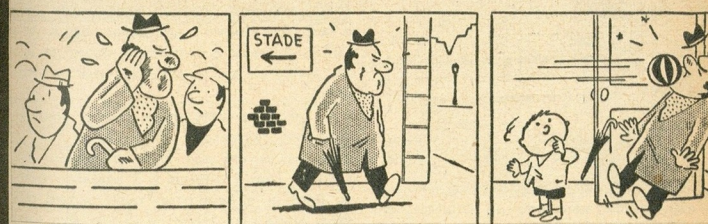
É inconcebível que seja os clubes da I Divisão a decidir a sorte dos da II. O dinheiro que dão aos mais modestos não lhes dá esse direito.

Comete-se, aliás, um erro crasso em desprezar a sorte dos clubes das Divisões secundárias, por quanto o progresso destes elevará o nível futebolístico do país. Os clubes «grandes» serão directamente beneficiados, pois é nos «pequenos» que regra geral se abastecem no tocante a jogadores...

Modifique-se, pois, a estrutura do futebol português — mas, se para tanto faltar a coragem ou a boa vontade, não se deixe, mesmo com as Associações a mandarem inexplicavelmente no futebol, de rever o figurino do campeonato da II Divisão ou, melhor, o quantitativo do Fundo de Deslocações.

Sim, não se espere pelo fim do campeonato para legislar uma coisa que só tem despertado a atenção para atender interesses particulares, seja para evitar despromoções, seja para facilitar subidas.

Mãos à obra, senhores das Associações; façam alguma coisa de jeito enquanto se lhes permitir que continuem a ditar leis neste mundo da bola, de que só anacrónicamente fazem parte.



EM MARÉ DE AZAR



— É certo que este casaco custou um dinheirão, mas espero que a tua equipa ganhe, no domingo, ao leader...



— O que diz você?...

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTA NÚMERO

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Tirar. 2. Mafra; vês. 3. Abel; Vale. 4. Ler; salva. 5. Licor; ar. 6. Ralam. 7. Rb; Velez. 8. Tiver; lar. 9. Usem; arma. 10. Rei; proas. 11. Mário. Verticais: 1. Mal; Artur. 2. Abel; bisem. 3. Ferir; veja. 4. Trá; cavem. 5. Ia; Soler; pi. 6. Varal; aro. 7. Aval; melro. 8. Relva; zama. 9. Seara; rás. **FOTO ENIGMA** — S. Paulo, 4-2.

HUMOR NO DESPORTO

O BENFICA tem sido o mais poderoso adversário do ORIENTAL

Reportando-nos apenas aos jogos do campeonato nacional de futebol, o Oriental obteve os seguintes resultados contra os três «grandes» da capital:

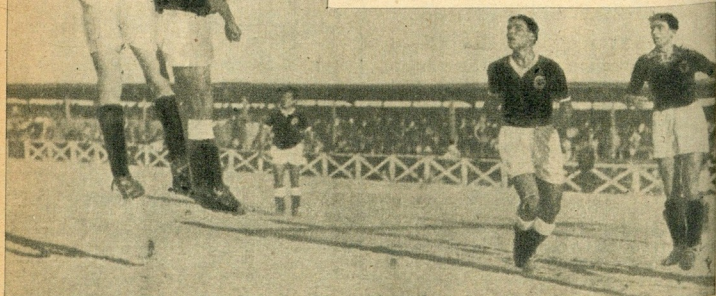
	Benfic.	Sport.	Belen.
1950-51 ...	D. 2-4	E. 0-0	V. 3-1
1951-52 ...	D. 1-3	V. 2-1	E. 1-1
1953-54 ...	E. 0-0	D. 2-4	V. 3-0
1956-57 ...	E. 1-1	V. 1-0	E. 1-1
1957-58 ...		D. 0-5	
TOTAL ...	4-8	5-10	8-3

Verifica-se, pois que o Benfica tem sido o mais difícil adversário do Oriental, em Marvila. Ainda não perdeu lá e soma o

dobro de golos marcados em relação aos sofridos. Contra o Sporting, mantinha-se a igualdade, em resultados e golos mas esta época a balança pendeu nitidamente para o lado dos «leões», que somam agora uma vitória à maior e também o dobro de golos marcados em relação aos dos orientalistas.

É contra o Belenenses que a tradição mais tem favorecido o Oriental, o qual se conserva invicto nos jogos disputados em Marvila, com 2 vitórias e 2 empates. Além do Benfica, o Belenenses também tem que jogar ainda esta época no campo eng. Carlos Salema.

O balanço geral, contra os três «grandes», de 4 vitórias, 5 empates e 4 derrotas, não é desairoso para o simpático clube do Poço do Bispo. Fora de «casa», o melhor que os «carmezins» conseguiram, contra o poderoso trio foi empatar nas Salésias, com o Belenenses, em 1950-51 (0-0).



Nem só no campeonato nacional, o Oriental defrontou os «grandes». Antes da sua promoção restava-lhe a oportunidade do campeonato de Lisboa e Taça de Honra da A. F. L. As imagens que publicamos são exactamente de um jogo Oriental-Benfica, disputado em Novembro de 1947, a preceder «Nacional» dessa altura, onde os marvilenses não tinham ainda guardida. O Benfica venceu por 3-0

Rogério Contreiras teve de estirar-se no solo duro de Marvila para blocar a bola com segurança

Jacinto intercepta uma jogada e enceta uma contra-ofensiva



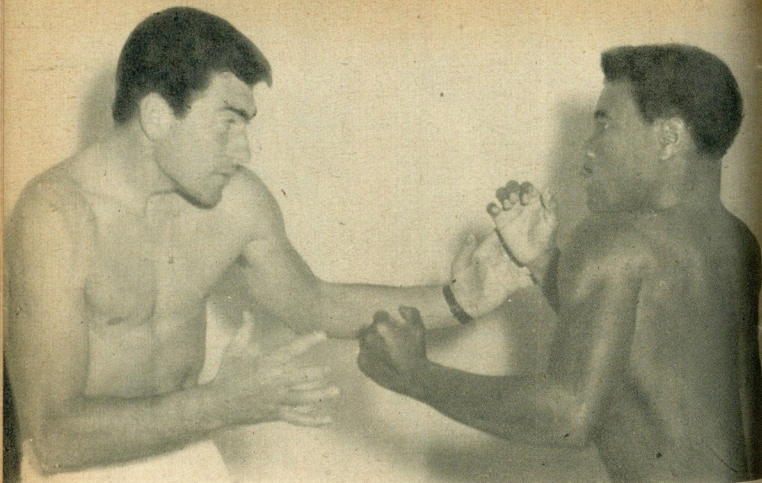
A ISRAELITA que não teme O CANAL DA MANCHA

Vinte e oito competidores de dezasseis países estiveram reunidos em Cliftonville (Kent), a fim de estudarem vários pormenores relativos à próxima Travessia da Mancha, que se disputará em 24 de Agosto de 1958.

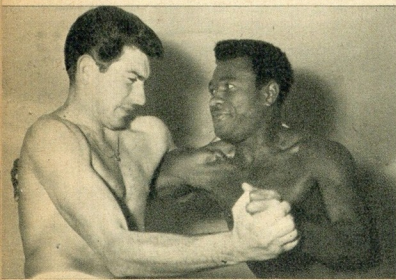
Sabe-se que esta prova dará ao vencedor, como prémio, cerca de 70 contos.

Uma das participantes será Edua Borsenstein graciosa nadadora de 20 anos de idade, representante de Israel.

Ei-la, à beira-mar durante um treino para manter a forma.



"TRAGÉDIA" NO LAR DO BENFICA...



A «coisa» começou com uma ligeira divergência de ideias sobre certo golo sofrido pelo Benfica. Chipenda, em voz estontória, opinou que a melhor maneira de defender uma bola é a não deixar entrar na baliza. Bastos replicou estridentemente que o processo ideal de não deixar o esférico entrar, é defendê-lo. Palavra pura palavra, e não tardou que se engalfinhassem como «éguias» que se prezam. Ouviu-se o Chipenda

(que anda perturbado acerca do destino dos satélites), anunciar com assento fatal.

— Vou «desintegrar-te»!

Ao que o outro replicou ainda terrificamente:

— Vou tirar-te o 1! (Queria dizer na dele que ia reduzir o adversário a zero, uma vez que ele na equipa é o 10...).

Lançaram-se um contra o outro, músculos retesados, a imitarem os Primos Carnera e C.^a Não houve sangue nem ossos partidos, por que tinham de jogar no outro dia, e o Sr. Otto podia não gostar. Andaram uns momentos a tomar o peso um ao outro, mas como, entretanto, no calor da luta chegassem à conclusão de que ambos tinham razão, desistiram de lutar, e foram estudar. Embrenhados nos estudos, Bastos concluiu que felizmente para contar os golos que apanha não é preciso aprofundar muito as matemáticas. Quanto ao Chipenda, pensa que jogar na 1.^a categoria do Benfica ainda é mais difícil que decorar todos os tratados de filosofia.

E agora, verdade, verdadinha: Bastos e Chipenda são dois excelentes moços, dois bons amigos, e dois grandes benfiquistas.



A SÚPLICA DO DESFEITEADO

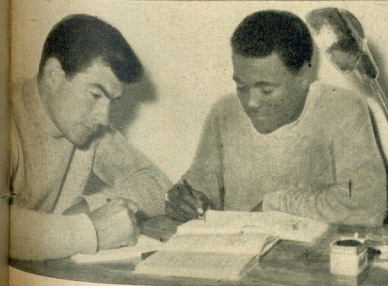
O velho Wembley voltou a ser teatro de um dos mais importantes encontros de sempre, no panorama internacional: Inglaterra-França.

No velho templo do futebol, com nevoeiro e ambiente tipicamente londrinos, os mestres ganharam por 4-0.

O desafio foi emocionante, pleno de fases ardentes e espectaculares, como aquela que nos mostra Vicent deixar Wright a seus pés, com uma expressão patética.

De notar, o modernismo da nova Inglaterra: calções curtos. Camisolas justas.

Tudo morre com o tempo.



NA GRÉCIA DE HOJE



Temos publicado alguns «instantâneos» em que se patenteia a exuberância do futebol helénico e hoje damos outro exemplo.

As características principais do futebol grego é a sua combatividade e agilidade. Esta revela-se aqui, numa fase espectacular em que se vê o guarda-redes da equipa nacional, Theodoridis, captar, em salto acrobático, uma bola alta, enquanto que o seu colega Angelopoulos (que nomes...) assiste, algo surpreso, ao lance.

Outra originalidade: a camisola dos gregos, de padrão absolutamente desconhecido, para nós, pelo menos...

ESTA SEMANA FAZEM ANOS...

No dia 30 (segunda-feira) festejamos o aniversário natalício dos jogadores: Legas, do Atlético, e Morais, do F. C. Porto. E no dia do Ano Novo — o Barreirense João Alves.

Manuel Henrique Legas da Silva nasceu na Caparica, em 30 de Dezembro de 1927, pelo que completa 30 anos. De 1945-46 a 51-52 representou o Almada (duas épocas em Juniores) e desde 1952-53 que joga no Atlético.

António Rocha Morais, que foi já internacional militar, nasceu em Santa Marinha — Gaia, em 30 de Dezembro de 1934. Festeja o 23.º aniversário, portanto. Representa o F. C. Porto desde 1952-53 (duas épocas nos Juniores).

João Francisco Alves que representa o Barreirense desde os Juniores em 1948-49 nasceu no Barreiro no dia 1 de Janeiro de 1932. Começou bem esse ano e fazemos votos que assim continue em 1958 e seguintes...



João Alves — o aniversariante do dia de Ano Novo

DI PACE

descobriu a maneira de poupar as canelas...



Eis a recordação de uma bela tarde passada no Monte Solar, Anacapri, na Itália.

Miguel Di Pace, o «maestro» do Belenenses, experimentou a sensação única de viajar no espaço, sentado numa cadeira suspensa de um cabo aéreo; a algumas centenas de metros de altura. É uma sensação esmagadora que se experimenta, e que nos leva a sentir, até ao âmago, quanto os homens são seres pequeninos comparados com a grandeza das coisas criadas...

Di Pace, que além de turista é também futebolista, e daqueles cujas canelas são muito procuradas, cada vez que se mete a «anexar» a bola, achou que aquela posição que tomou em Anacapri, acima das coisas terrenas, é a ideal para se furtar aos pontapés amigáveis dos adversários...

O CÃO FUTEBOLISTA

Pedroto tem um rival... canino. Não se preocupa com táticas nem que jogue a defesa ou a avançado, nem que o Sporting esteja à frente do Benfica. Tão-pouco se importa com aquela casota com redes a que os homens chamam baliza...

Esse personagem que Pedroto observa curiosamente é um jogador especial, que se permite até deitar a língua de fora, sem que o árbitro o puna por comportamento grosseiro. Do que gosta é de jogar sozinho — correr atrás da bola e dominá-la com a sua respeitável pata. Dizem-nos venenosamente que é mais ciumento pela bola do que qualquer dos argentinos que actuam na nossa terra...



LESÕES

— quantas delas a valerem campeonatos!?

Não há adversário mais temível num campeonato de futebol do que as lesões. Ocorridas em pleno jogo, podem inferiorizar irremediavelmente um grupo e ditar uma derrota imerecida. Mesmo verificadas em treino ou noutra circunstância qualquer, as lesões podem originar a alteração de planos belamente congemidados pelo treinador, lançá-lo em permanentes dúvidas, preocupando-o a ele, ao atleta magoado e prosélitos do clube...

Quantas e quantas lesões não valeram perda de campeonatos?!

Nestas e páginas seguintes reproduzimos variadíssimas imagens de transe dolorosos, o que constitui a reportagem menos alegre deste número, e ao mesmo tempo uma homenagem aos atletas que, em todo o tempo, foram vítimas de acidentes sem quebra de ânimos na defesa das camisolas, dos seus clubes ou da selecção nacional.



José da Costa, do Benfica, é retrado em braços, num jogo com o Sporting. Levam-no: Félix, Fernandes e Jacinto, este também já com a cabeça ligada, o que mostra que o desafio não foi um mimo de delicadeza.



Junto a baliza, Jesus Correia é socorrido. Sofreu uma distensão.



Francisco Ferreira é auxiliado no caminhar até junto do baú dos medicamentos.



EM CIMA:

Num desafio Atlético-Olhansense realizado há nove anos, Correia, guarda-redes alcantarense sofreu um acidente de certa gravidade. Nem pôde continuar a jogar. Jorrava sangue em abundância da frente, e tingiu de vermelho a camisola e camisa dos enfermeiros que cuidaram dele.

À ESQUERDA:

Num jogo da selecção, Serafim, do Belenenses magoou-se no nariz e foi tratado por Manuel Marques.



À DIREITA:

Jogo Benfica-Sporting, Campo Grande a transbordar. E num ápice o Benfica ficou momentaneamente sem duas peças básicas — o guarda-redes Rosa e o «capitão» Francisco Ferreira. Chocaram violentamente, caindo cada qual para seu lado. Lá estão Cerqueira e Gaspar Pinto a auxiliá-los (Rosa pelos vistos ficou pior...), parecendo interrogar-se. Como é que eles arranjaram isto?!



Três imagens que recordarão ao fogoso Angelo Carvalho, uma tarde bem triste... Foi num jogo com o Atlético, em Janeiro de 1951, e o F. C. Porto perdeu por 4-1.

No Sporting-F. C. Porto do campeonato anterior (Janeiro de 1957), Barbosa magoou-se, sendo prontamente assistido.

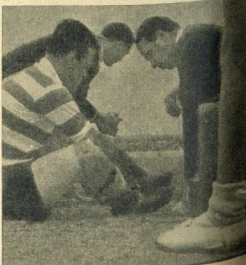


Vasques é assistido pelo seu massagista mas não desvia o olhar do campo... Isto é outra dor dos lesionados — não poder prestar concurso à equipa inferiorizada pela sua saída...



António Figueiredo, do Belenenses magoou-se e logo acorrem o seu colega Sérgio, o árbitro e um adversário (o covilhanense Ferreira). Felizmente não foi de gravidade.

Barrosa lesionou-se — e logo a sua inclusão na equipa das quinas ficou comprometida. Este é outro aspecto das consequências das lesões.



Salvador lesiona-se num treino. Com um pé magoado como se pode desferir «brasas»?



«Mão de Pilão» procura localizar a distensão. A vítima é Cavem.



No jogo com a Irlanda do Norte, disputado à noite, Vasques feriu-se na cara e é assistido por Manuel Marques. O seu amigo Carlos Gomes observa o curativo.



O dr. Silva Rocha, do Belenenses, observa o joelho de Vicente.

Num encontro contra a Itália, Travaços teve de descalçar-se e receber uma massagem em regra. Felizmente não foi o seu monico «sobrevivente» que deu de si...



BARTALI E COPPI

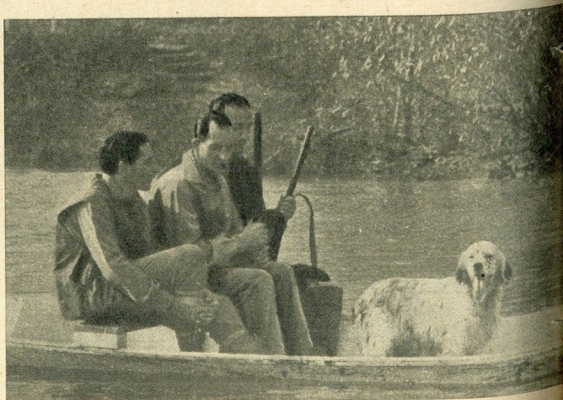
são dois rivais na caça...

Como a gente se engana! Passaram toda a sua carreira a cerrar os dentes, a fazer as multidões vibrar, cavaram abismo entre as facções dos seus admiradores, e desligaram amigos de longos anos, quase desencadearam revoluções nos meios desportivos de Itália.

Eram assim Fausto Coppi e Gino Bartali.

E agora — agora que a carreira de Bartali findou como corredor e embora continue a de Coppi — Gino e Fausto vão, juntos, caça e aqui, embora haja despique, não há a acesa rivalidade de outrora.

Pelos vistos, se foram bons a dar aos pedais, não parecem piores a dar ao gatilho...



O Rev. David Sheppard amador número um da Comunidade Britânica

Magnífica a lição que o Rev. David Sheppard dá a todos quantos praticam Desportos. É, na verdade, digna de maior realce a maneira como o Rev. David interpreta e põe em prática a ideia desportiva.

Para os ingleses (puritanos como são) este prestigioso sacerdote é o símbolo do verdadeiro amador.

Nas suas actuações como jogador de «cricket» — a sua modalidade preferida — entrega-se com tal entusiasmo que arrebatava toda a gente que o vê actuar.

Não é, pois, de estranhar que o Rev. Sheppard tenha sido eleito o desportista-amador número um da Comunidade Britânica.

A ESQUERDA: No púlpito, o Rev. Sheppard, galvaniza com a sua voz os fiéis

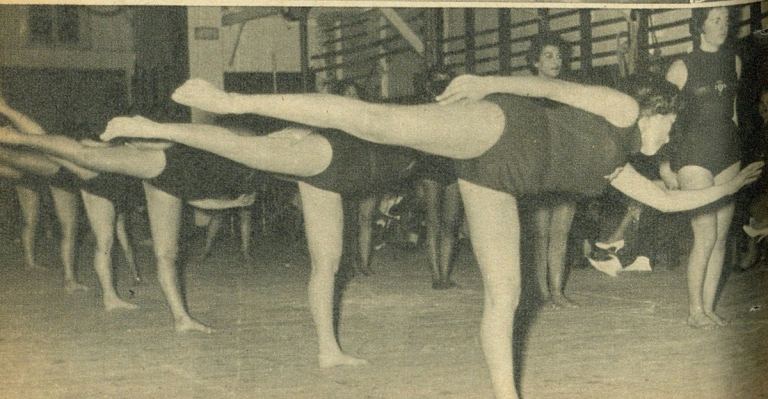
EM BAIXO: No campo de jogo, o Rev. Sheppard, galvaniza com o seu jogo entusiástico os adeptos do «cricket»



O GARBO DA GINASTA PORTUGUESA

Não são muitas, infelizmente, as mulheres portuguesas que se dedicam a ginástica, quer na especialidade «educativa» como na «aplicada». No entanto, os nossos principais clubes de educação física orgulham-se de possuir classes femininas, apresentáveis em qualquer parte do mundo.

O garbo das ginastas do Lisboa Ginásio está patente nas fotos que apresentamos, e tecnicamente podemos garantir que o nível é também elevado.



OS ESLAVOS

que abriram
caminho para
Estocolmo

Ao bater a Roménia, em Belgrado, por 2-0, a Jugoslávia classificou-se para a fase final da «Taça do Mundo». O herói da tarde foi o célebre avançado do Partizan, Milutinovitch, autor dos dois golos da sua equipa.



Ei-lo, depois da vitória, o popular «Milo» a receber as felicitações dos seus camaradas, que se preparam para o levar em triunfo.

Milutinovitch, mesmo de cabeça partida, conseguiu abrir o caminho para Estocolmo.

*

Também a Rússia, ao bater a Polónia por 2-0 no encontro-desempate, classificou-se para estar, em Junho, na Suécia.

Um dos grandes artifices desse triunfo foi o interior esquerdo Ivanov, autor de um dos golos e o melhor homem no terreno.

Ivanov — o «belo», como é conhecido em Moscovo — aparece-nos nesta imagem a revelar a fogueiosidade do seu estilo.

Os jogadores do Stade de Reims não são nada medrosos, pelos vistos. Afagam leõesinhos como quem acaricia os domésticos bichanos...

Será que eles querem dizer na deles que... não temem o Sporting? Sim, a cena parece representar um desafio aos nossos... «leões» de Alvalade.

Mas não. Trata-se de uma simples visita a um Jardim Zoológico e até meteu «champanhe»... para tomar coragem...



DESAFIO AO SPORTING?



**ULTRAPASSANDO
O RISCO**

«Ultrapassar o risco fatal» é uma expressão bastante usada nos relatos de futebol. Nesta fase do jogo Racing-Sedan, no campeonato francês, a expressão tem a máxima propriedade.



CASAMENTO NA NEVE

Conheceram-se na montanha coberta de gelo. E amaram-se nesse cenário encantador, onde o sol põe nas escarpas cobertas de neve, cambiantes de rara beleza. Não quiseram outro para o seu casamento.

Através das imagens que reproduzimos podemos fazer uma ideia o que foi esse poético enlace. Os noivos e os padrinhos, a troca de alianças na capela local, a curiosa homenagem dos amigos esquiadores, que dos seus esquis fizeram um arco; o corte do bolo de noiva, tão branco como a neve; a fuga dos noivos; um trambolhão da gentil noiva, decerto emocionada; e o clássico transporte da noiva nos braços do seu marido, com a originalidade dele deslizar nos esquis.



TÊNIS EM FAMÍLIA



O ténis é um dos desportos mais cultivados pela gente «bem» de todo o Mundo. Atrai também, no entanto, graças à sua beleza, simplicidade e elegância de atitudes as camadas mais diversas que constituem a Sociedade.

Aqui está, por exemplo, a graciosa Pat Goddard, manequim categorizada, acompanhada das suas filhinhas Julieta e Susana, de 4 e 8 anos de idade e, como a mãe, fervorosas adeptas da modalidade.



A HISTÓRIA DE

ALFREDO

O TRÊS-PÉS
DO BENFICA



JANELA PARA O CAMPO

Falando da meninice, Alfredo contou-nos:

— Nasci nos Olivais e a uma janela da minha casa dava para o campo do Sport Lisboa e Olivais. Por isso, quando não me deixavam entrar para o campo, para ver os jogos, assistia na mesma, um pouco mais longe, da minha janela.

— Recorda-se de ver jogadores conhecidos nesse campo?

— O Olivais pertencia às divisões secundárias e os clubes mais fortes que lá apareciam eram o Fósforos e o Marvilense. De modo que poucos jogadores cota-

A vida tem destas coisas, Alfredo — aquele rapaz esguio, tão certeiro no desarme que o apelidaram de «três-pés» e que começou a dar que falar no Oriental — a jogar hoje em Marvila fá-lo-á como adversário do grupo da casa. O seu clube é agora o Benfica. Ou melhor: benfiquista foi ele sempre. Tanto que podia jogar hoje no Sporting, e se não ficou no «solar dos leões» foi por que alguma coisa o atraía para o campo vizinho. Simplesmente, faltou-lhe sempre a coragem de dar o passo decisivo, que lhe abria — ou talvez não, quem sabe?! — as portas do «Campo Grande».

Pela ordem natural das coisas, o clube que o primeiro representou oficialmente foi o Oriental — clube mais próximo dos bairros onde residi e trabalhava. No Oriental se formou um grande jogador. Pelas suas cores, em torneios ardorosos, em que se disputava lugar ao sol, lutou com o maior entusiasmo.

Não se extinguiu, porém, o seu velho amor pelo Benfica. Apenas... adormeceu. Para acordar mais vivo que nunca, quando se lhe concedeu a oportunidade sonhada de vir a representá-lo.

Alfredo é agora duplamente benfiquista — pela ficha desportiva e pelo coração. O Oriental é hoje, para ele, uma recordação distante, de certo modo grata, porque foi ali que se fez jogador, escudou as primeiras palmas e contraiu as sãs amizades que o desporto cimenta. As más lembranças — que também as teve — já as esqueceu. Pertencem ao passado. No presente existe apenas um clube — o Benfica. O Benfica que lhe fez conhecer glórias jamais sonhadas — em Portugal, no Brasil, na América do Norte!

Esta é a história de Alfredo — o «três-pés» do Oriental que triunfou no Benfica e um dos precursores do moderno médio lateral recuado do sistema da «diagonal».

dos passaram por lá. O Isidoro, do Fósforos, «Bravo», que então jogava no Marvilense e foi internacional-B no Estoril, e poucos mais...

E prosseguiu: — Quando fui para a escola primária, tive por colega de estudos, o actual capitão do Olivais, Paiva. Depois, na «Afonso Domingues», acamaradei com Sérgio, mais tarde do Sporting e hoje do Atlético, Octávio, etc..

— Fazia parte do «team» da escola?

Alfredo sorriu e respondeu.

— Não. Eu era tão «ingrinhãs» que decerto tinham medo de me meter no barulho...

PRIMEIROS EMPREGOS, PRIMEIRAS EQUIPAS

— Como se iniciou no futebol? — perguntámos então.

— A praia de Xabregas (e estádio de Xabregas como lhe chamamos), era a minha perdição. Fui bom aluno na escola primária (fiz o exame com dez anos) mas na «Afonso Domingues», por causa da bola, é que deixei de ligar aos estudos. E bem arrependido estou — confessou.

E prosseguiu:

— De modo, que meu pai resolveu mandar-me trabalhar. Entrei, com 14 anos para a União de Estamparias, nos Olivais, que o mestre-geral era da minha família. — Que fazia lá?

— Trabalhava com uma máquina cardadeira. Estive aí até aos 16 anos, passando depois para a Auto-Carbox, como aprendiz de mecânico de automóveis, e dali para a «Fábrica de Fósforos».

— E foi então que se tornou jogador de futebol?

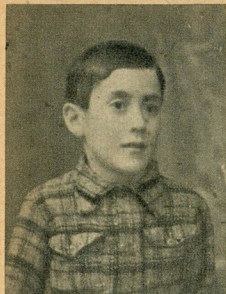
— Um pouco antes. Havia um clube popular nos Olivais, o «Clube de Futebol os Lajes», e onde se podia jogar sem ter a idade mínima que mandam os regulamentos. Devido à maioria ser simpaticante do Belenenses, o equipamento era igual ao deste clube.

E continuou:

— Passei a jogar naquele grupo. A extremo direito, não sei bem porquê, que nem sequer havia treinador.

— Recorda-se de algum jogo curioso desse tempo?

— Sim, um que disputámos contra um grupo popular de Santo Amaro, no campo do Olivais. Havia um bronze em jogo, até. Ganhámos por 7-1, salvo erro, mas do que tenho a certeza é de que, jogando a extremo direito marquei seis golos!



Alfredo com oito anos.

DR. ABRANTES MENDES — O PRIMEIRO TÉCNICO A «DESCOBRIR» ALFREDO

— E depois... — incitámos Alfredo a prosseguir: — Entretanto, passei a trabalhar na Fábrica dos Fósforos. O meu primo Leitão, que era lá empregado e junior da equipa da casa, convidou-me a fazer uns treinos de experiência.

— Aceitou logo, claro...

— Sim, mas sem grande entusiasmo. Primeiro porque não tinha idade para os juniores, sequer, e segundo porque não me julgava predestinado para altos voos no futebol! — replicou-nos com toda a franqueza.

E continuou:

— O treinador do Fósforos era então o Dr. Abrantes Mendes. Creio que agradei, mas como não tinha idade suficiente fiquei «esperado».

PODIA TER SIDO JOGADOR DO BENFICA MAIS CEDO MAS FALTOU-LHE A CORAGEM!

A narrativa prosseguiu com um episódio curiosíssimo, quicá inédito nas série de entrevistas que vimos publicando:

— Um amigo meu, junior do Sporting insistiu comigo em o acompanhar a um treino do Sporting. Fiz-lhe a vontade. E podia ter lá ficado!

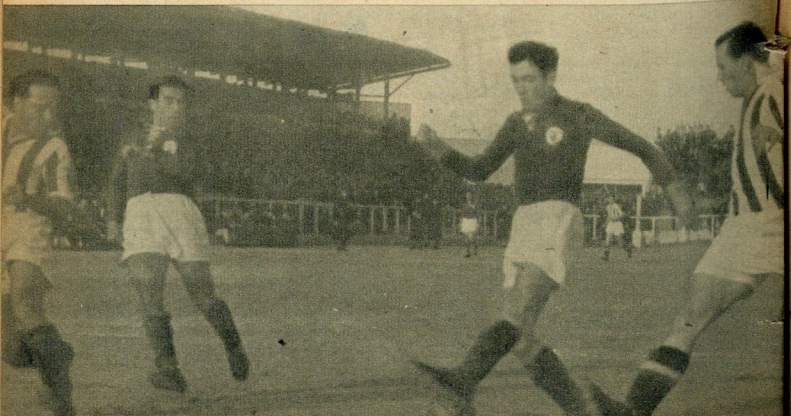
— Conte como se passaram as coisas...

— O treinador dos juniores «leoninos» era o dr. Abrantes Mendes, que já me conhecia do Fósforos. Fiz um bom treino e ele disse-me que devia tratar de me inscrever na secção porque interessava ao Sporting!

— E você que respondeu?

— Que tinha de falar com o meu pai. Mas, francamente, a minha propensão não era para o Sporting.

Jogo Oriental-Setúbal há uma boa meia dúzia de anos.



— Então?
— O que eu queria era jogar no Benfica. Por mais de uma vez meti pernas a caminho para ir treinar à experiência, no Campo Grande... mas, chegando ao portão, perdia a coragem e voltava para trás!

E explicou:

— Não conhecia lá ninguém e ir oferecer-me com um tão fraca figura, era demasiado para a minha timidez!

Meditemos um instante no que seria o drama íntimo do jovem Alfredo — envergonhado e céptico por se ver tão «lingrinhas», no seu próprio dizer — e compreendamo-lo.

O PAI BEM O ACONSELHOU A JOGAR COM A «CARTA NA MAO»!

Alfredo prossegue:

— Entretanto, fundou-se o Oriental... e eu já podia jogar. O sr. Mário Marques, antigo dirigente e treinador do Fósforos (e também empregado na Fábrica) quis levar-me para o clube que nascera da fusão.

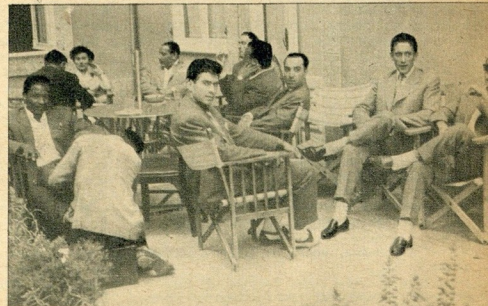
— Aceitou, pelos vistos...

— Sim. O meu pai bem aconselhou a jogar com

A primeira equipa de Alfredo: o Sport das Lajes, clube popular.

Numa deslocação a Faro, entre colegas de equipa e sócios do Oriental. Dos jogadores reconhecem-se: Rubens (2.º), Almeida (3.º), Alvarinho (5.º), Alfredo e Eleutério, à direita, ajoelhados.

A primeira deslocação com o Benfica, a Guimarães. Foto das Termas de Vizela.





Alfredo e Filho passam pelo sono numa viagem de comboio...

De facto para se manter nesta posição só com três pés...



Outro jogo pelo Oriental — contra o Barcelense, no campo deste.

a «carta na mão». Mas eu não sabia se me aceitavam nessas condições, nem fazia conta de vir a valer alguma coisa no futebol.

E confesso:

— Disse mesmo para meu pai, que jogaria nos juniores e que naturalmente não iria mais adiante, no futebol.

— Afinal...

— Enganei-me felizmente. Cá ando, «para lavar e durar»...

— Lembra-se da sua estreia nos juniores do Oriental — estreia oficial, portanto?

— Perfeitamente. Foi no Lumiar-A, contra a Cuf. Canhámos por 2-1 e marquei o golo da vitória, na segunda parte do jogo, com um remate da extrema direita, com o pé esquerdo — respondeu sem hesitar.

— Continuava, então a jogar a extremo direito?

— Sim. Fiz as duas épocas de júnior a extremo direito. Só depois, quando passei

Com o primo Leitão, que em tempos o quis levar para o Fósforos... ficando no Oriental. Por coincidência, é Alfredo, no Benfica, quem marca Leitão, por serem respectivamente médio-esquerdo e interior direito.

a reserva, o treinador Artur John me mudou para defesa central.

— Contrariou-o essa mudança?

— Ao princípio sim, porque gostava de correr e marcar golos. Mas depois, fui verificando que o defesa central estava sempre em jogo e que tinha certa queda para o lugar, e fiquei contente.

«TRÊS-PÉS»

Rapidamente, Alfredo ganhou a posição de «estrela» no Oriental.

Conta-nos ele:

— A minha estreia no primeiro «team» do Oriental foi no torneio de Preparação, contra o Atlético. Tive pela frente Ben David, então no auge da sua forma. A

princípio experimentei dificuldades, mas, depois, fui ganhando confiança, e no final tive o prazer de receber as felicitações do próprio Ben David.

— E passou a ser o «três-pés»...

— Não sei quem descobriu essa. O certo é que começou a divulgar-se essa alcunha. E em certo jogo contra o Benfica (vejam lá são as coisas) o dr. Tavares da Silva, na crónica do «Diário de Lisboa» falou pela primeira vez creio eu, nos jornais, nos «três-pés».

— A que atribui essa designação?

— Nem eu sei, que julgo jogar como qualquer outro. Talvez seja por, às vezes, eu desarmar com muita rapidez, sem se ver bem com qual dos pés o faço...

O F. C. PORTO CONVIDA ALFREDO MAS...

O Oriental subiu à I Divisão, deu nas vistas com o seu honrosíssimo 5.º lugar (a um ponto do Benfica...) e Alfredo despertou a cobiça dos grandes clubes. O F. C. Porto foi o primeiro (descontando o desejo primitivo do técnico «leonino» dr. Abrantes Mendes, quando Alfredo era apenas um magríssimo e ignorado jogador (júnior) a lançar a rede.

— Foi na altura em que o F. C. Porto se lançou a contratar Pedreto e Eleutério. Um dia cheguei a casa e minha mulher, algo receosa, informou-me que um senhor, sem dizer quem era, me queria falar e deixara um bilhete. Curioso, aceitei o convite para me encontrar com o meu misterioso visitante.

— Quem era, afinal?

— Um dirigente do F. C. Porto, de que não me recordo do nome. Convidou-se a transferir-me para o F. C. Porto.



— Que decidiu?

— Fiquei hesitante. O Eleutério, que recebeu idêntico convite, seguiu logo para o Porto, sem ordem do Oriental. Mas eu, receando ser castigado, resolvi ficar. E não mais pensei no assunto.

O BELENENSES TAMBÉM QUIS...

— O Belenenses, salvo erro, também este interessado...

Mais tarde, depois do Oriental baixar à Il Divisão e estar a caminho de voltar à I (em 1953), recebi, de facto um convite. Era hábito meu e do meu colega Pina irmos à tarde ao café Nicola. Foi lá que um senhor que se disse emissário do Belenenses me propôs a transferência para a época seguinte.

— Que recusou...

— Sim. Dias depois o Oriental ganhava no campo do Salgueiros o título de campeão, regressando à I Divisão, e desde logo declarei que não largava o Oriental.

O BENFICA FOI MAIS FELIZ...

— Até que o Benfica foi mais feliz... — obtemperamos.

— Foi na época seguinte, quando baixámos de novo à Il Divisão — confirmou Alfredo.

— Como se passaram as coisas?

— Em resumo foi o seguinte: alguém me procurara no Café

Convidando o massagista Angelino Fontes para um passeio na Venezuela...

Ginástica no Campo Grande, entre os guardiões Costa Pereira e Bastos.

Com a esposa e um grupo de amigos de Ervidal do Aentejo.

Numa fugida à praia, com uns amigos.

do Poço do Bispo, onde costumava ir, e não me encontrando deixou um bilhete a um ardina. Este, que era benfiquista e que parece reconheceu a pessoa, calculando para o que era (os jornais falavam já no interesse do Benfica pelo meu concurso) não desconsou enquanto não me encontrou.

Proseguiu:

— Ao saber do que se tratava fiquei ansioso. Fui imediatamente ao pavilhão do Benfica, na Feira Popular e fiz-me encontrado com o sr. Bugalho, nessa altura presidente do Benfica. Este dirigente confirmou de facto que o Benfica estava interessado no meu concurso o que me causou íntima satisfação. Comunicou-me que o assunto seria tratado pelas Direcções dos dois clubes.

— Depois...

— O Oriental autorizou que eu treinasse no campo do Benfica, mas as negociações ainda demoraram mais de um mês.

— Chegou a desesperar de não chegarem a um acordo?

— Confesso que houve uma altura em que receei que o Oriental não concordasse com a transferência. Felizmente, um belo dia recebi um recado para comparecer com urgência na secretaria do Benfica, onde fui informado que os dois clubes tinham chegado a acordo.

— Recorda-se da sua estreia no Benfica?

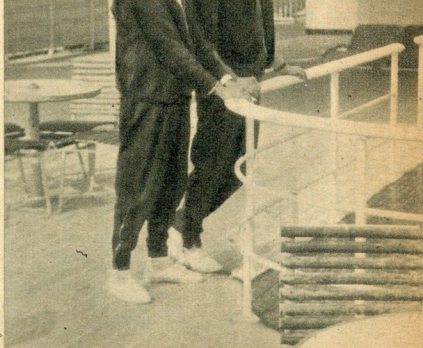
— Foi na inauguração do estádio da Luz, contra o Belenenses e depois contra o Real Madrid.

ALFREDO — FORA DO FUTEBOL

Alfredo não é unicamente futebolista. Está estabelecido com uma casa de pasto, na Rua Morais Soares, 52-B — e sobre esta faceta da sua vida, disse-nos:

— Com o prémio de transferência que recebi procurei acautelar o futuro, estabelecendo-me, de sociedade com o meu sogro, com uma casa de vinhos e petiscos, que futuramente,

A caminho da Madeira, no «Santa Maria».





Uma das muitas homenagens recebidas no estrangeiro.

Num jardim zoológico de Itália.

quando abandonar o futebol, ampliaremos a casa de pasto. Agora não, que não tenho tempo para tanto.

— Claro que é um centro de cavaco sobre a bola...

— Sim, e como entre clientela há adeptos do Benfica, Sporting, Belenenses, Oriental, e doutros clubes, imagine-se o que lá se discute, depois dos jogos...

— Outra coisa: tem dois filhos, não é verdade? Que pensa do futuro deles, relativamente às práticas desportivas?

— Tenho um casal.
— Maria de Lourdes, agora com seis anos, e Jorge, com cinco. Ela já me pede para ir para a ginástica no Benfica, e vou fazer-lhe a vontade na próxima época.

— E o Jorge? Será um futuro jogador do Benfica?

— É muito pequenino para se saber. Não tenciono influenciá-lo para o futebol. Para o que ele «puçar», é que praticará.

PREFERÊNCIAS

A entrevista — mais completa que Alfredo deu até hoje — estava no fim. Como é da praxe, concluímo-la com revelações sobre factos salientes da sua carreira:

No aeroporto de Caracas.



— Qual foi o «jogo da sua vida»?
— Em Caracas, contra o Valência. Exibição valorizada pela categoria do atleta que marquei, o holandês Wilkes.

— E o jogo que lhe causou maior tristeza?

— Foi bem recente: 4-1 em Évora...

— Qual o melhor golo?

— Já jogava no Benfica. Foi no campo do Boavista. Faltava um quarto de hora e o resultado mantinha-se 0-0. Os nervos já estavam a apoderar-se da rapaziada, quando apanhei a bola à entrada da grande área. Chutei ao ângulo superior da baliza e o guarda-redes Carlos não lhe pôde chegar.

— Quais foram os interiores e avan-

Não, não é o automóvel do Alfredo! Foi só para recordação do que viu nos Estados Unidos da América do Norte...

çados centro mais difíceis de conter, entre nacionais e estrangeiros?

— Dos avançados-centro, o que é hoje meu colega (felizmente): Aguas. Dos interiores: Pelé, do Santos F. C. Dos interiores portugueses há uma série deles de boa categoria, que se torna difícil fazer uma distinção. Vasques é um entre muitos outros difíceis de segurar.

— Para terminar: quantas épocas espera ainda fazer?

— Tenho 28 anos, levo uma vida à bola. Portanto, é ainda muito cedo para Completamente de acordo!



gradíssima, gosto do Benfica e de jogar pensar nisso, não acha?



Alfredo que já fora campeão nacional da II Divisão, alcançou no Benfica honra maior ainda...

NO PRÓXIMO NÚMERO

A HISTÓRIA DE VASQUES

— narrativa, profusamente ilustrada, da carreira do famoso «Malhoa» do futebol português.

E ainda:

Sensacionais artigos, sugestivamente ilustrados, sobre os três melhores desportistas do ano: KUTZ, GUTOWSKI e FANGIO.



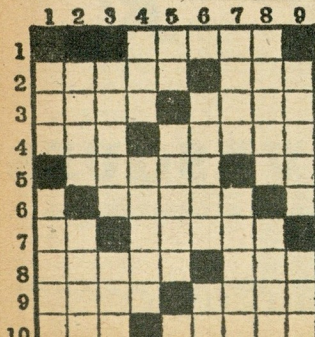
SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Aqui está uma foto que fará pensar um grande bocado, até mesmo os mais adeptos azuis.

Foi apenas há meia dúzia de anos e no entanto já nenhum dos jogadores fotografados se mantém no Belenenses. Sério e Narciso que foram para o Coruchense; Pedroto que é estrela do F. C. Porto; Castela, que foi para África; Serafim e Figueiredo que deixaram a prática do futebol oficial; Feliciano, jogador-treinador do D. Chaves; Mário Rui, que depois foi para o Benfica e Oriental e já não joga; Marchiari, que há muito deixou Portugal; Buchelli, hoje treinador da I Divisão; Castanheira, que regressou ao Vila Real.

Pois bem esta equipa jogou no Estádio Nacional contra um grupo sul-americano e perdeu por... Qual o resultado e o adversário? Resposta na pág. 2.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Extrair; 2 — Centro de educação física do exército; observas. 3 — Levantei as abas; jogador da Cuf. 4 — Solettar; bandeira. 5 — Bebida alcoólica; clima. 6 — Moem. 7 — Símbolo químico do robídio; jogador do Sp. Braga. 8 — Obtiver; casa. 9 — Empreguem; espingarda. 10 — Peça do xadrez; partes dianteiras dos navios. 11 — Jogador do Salgueiros.

VERTICAIS: 1 — Calamidade; jogador do Benfica. 2 — Jogador do V. Guimarães; repitam. 3 — Magoar; disposição. 4 — Prefixo designativo de três; jogador do Sp. Covilhã. 5 — Distava; apelido do inquiridor oficial das últimas eleições da F. P. F.; letra grega. 6 — Vara das liteiras, andores, etc.; argola. 7 — Garantia dado por terceiro ao pagamento de uma letra de câmbio; pássaro dentirostro. 8 — Do que há menos nos campos de futebol portugueses; espécie de feijão de Moçambique. 9 — Campo semeado de cereais; pano de Arrás.

JOÃO DOS SANTOS

Naturalidade — Setúbal

Clube: Vitória F. C.

Estreia internacional: contra a Checoslováquia em 24 de Janeiro de 1926, no Porto.

Internacionalizações: 11, contra Espanha (3), França (2), Itália (2), Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Argentina. Internacional olímpico. Capitão num jogo com a Espanha. Golos: 4, contra Checoslováquia, França, Hungria e Espanha.

MANUEL FONSECA E CASTRO

Naturalidade — Santo Tirso

Clube: Académico

Estreia internacional: contra a Itália em 18 de Junho de 1925, em Lisboa.

Internacionalizações: 3, contra Itália, Checoslováquia e França.

JORGE TAVARES

Naturalidade — Lisboa

Clube: Benfica

Estreia internacional: contra a França em 18 de Abril de 1926, em Toulouse.

Internacionalizações: 3, contra a Espanha (2) e França.

FRANCISCO VIEIRA

Naturalidade — Lisboa

Clube: Benfica

Estreia internacional: contra a Espanha, em 16 de Dezembro de 1923, em Sevilha.

Internacionalizações: 3, contra a Espanha (2) e Itália.



MANUEL FONSECA E CASTRO



JOÃO DOS SANTOS



FRANCISCO VIEIRA



JORGE TAVARES